

## 5º Seminário DOCOMOMO Brasil

São Carlos | 27 a 30 de outubro de 2003

### Arquitetura e Urbanismo Modernos: Projeto e Preservação

#### Mesas Temáticas

#### **A Contribuição do Docomomo para a Cultura Arquitetônica Brasileira: o Estado da Arquitetura Moderna na Cidade de São Paulo.**

**Prof. Dra. Mônica Junqueira de Camargo (junqueira.monica@uol.com.br)**

**Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP**

O elevado número de trabalhos enviados para o 5º Seminário Docomomo Brasil indica um considerável aumento de pesquisas sobre a arquitetura moderna nos últimos anos, uma expansão geográfica dos centros de reflexão e uma diversificação dos temas abordados. Não obstante seja possível apreender, a partir dos resumos apresentados, mais de 150, um crescente interesse no conhecimento da produção brasileira do século XX, ainda há muito que explorar. O levantamento e estudo de obras significativas de uma região e de trajetórias dos profissionais com ativa participação no processo de instalação e desenvolvimento da arquitetura moderna têm sido uns dos instrumentos mais recorrentes e eficazes para o reconhecimento e a formação da cultura arquitetônica. Paralelamente a essa etapa inicial e fundamental de identificação, catalogação e documentação da produção, começam a aparecer o cruzamento de informações, o aprofundamento de temas permitindo a constituição de um panorama mais rico e real da arquitetura brasileira. Algumas propostas de intervenção começam a se esboçar, apontando para uma reflexão sobre a preservação e recuperação do patrimônio moderno.

A conjuntura do momento tem aumentado a procura pela extensão universitária, tantos dos cursos de especialização como de pós-graduação, propulsores das pesquisas aqui apresentadas. A valorização do conhecimento para o desenvolvimento profissional, a abertura de novas escolas de arquitetura demandando professores titulados, a crise econômica por que tem passado o país, que se estende por anos com forte reflexo na construção civil e na arquitetura em particular têm motivado muitos profissionais a se dedicarem ao estudo da arquitetura. A especial atenção que se tem dado à produção moderna brasileira no âmbito das pesquisas acadêmicas justifica-se pela vasta quantidade, a inquestionável qualidade de boa parte dessa produção e o relativo atraso no seu inventário, documentação e estudo.

O interesse pela arquitetura moderna brasileira que majoritariamente, tanto no âmbito nacional como internacional, tem recaído na produção dos arquitetos cariocas em especial Oscar Niemeyer e Brasília, pelos trabalhos apresentados para este seminário apresentou uma curiosa mudança de foco de atenção, a arquitetura paulista, em especial a produzida na capital e pelos seus profissionais obteve o maior número de estudos, 20 dos 86 selecionados para a avaliação final, sendo a obra da arquiteta Lina Bo Bardi a mais analisada, tema de seis comunicações: Os restauros de Lina Bo Bardi: inspirações para a preservação da arquitetura do movimento moderno; Tensão moderno/popular em Lina Bo Bardi: nexos de arquitetura; A didática dos Museus de Lina Bo Bardi na Bahia e os conteúdos da modernidade e da identidade local (1960-1964); A Preservação do Edifício do MASP; Satis Substâncias da Arquitetura de Lina Bo Bardi; Uma arquiteta, duas capitais, dois projetos de museu: o Museu de Arte de São Paulo e o Solar do Unhão. O interesse na atuação dessa arquiteta, italiana de origem e brasileira por opção como dizia, autora de poucas obras e com edições exclusivas já publicadas, é prova da complexidade e da riqueza de seus trabalhos, reconhecida também pela crítica internacional, muito bem expressa nas palavras do crítico espanhol Josep Maria Montaner: “Mediante suas qualidades criativas, Lina Bo Bardi conseguiu superar os limites da própria arte moderna, sem romper com seus princípios básicos. Se a arquitetura moderna era anti-histórica, ela conseguiu fazer obras que a modernidade e a tradição não era antagônicas. Se a arte moderna era intelectual, internacional e reacionária ao gosto estabelecido e às convenções, no Brasil foi possível uma arquitetura e uma arte moderna enraizada na experiência da arte popular, negro e indígena, rigorosamente distinta do folclore e do populismo e da nostalgia. Se arquitetura racionalista se baseava na simplificação, na repetição e nos protótipos, Lina soube introduzir sobre um suporte estritamente racional e funcional, ingredientes poéticos, irracionais, exuberantes e irrepitíveis. Conciliou funcionalidade com poesia, modernidade com mimesis. Na sua obra se superam as dicotomias sobre as quais se dividiu a estética do século XX: a luta entre abstração e mimesis, espírito e matéria, razão e tradição, concepção e representação, cultura e natureza, arte e vida.” (MONTANER, 1997, p.13) O estudo de sua contribuição aponta que muitos são os caminhos para uma melhor compreensão da produção do nosso país.

Novos levantamentos de trajetórias ainda pouco exploradas de arquitetos que contribuíram para a formação de uma arquitetura paulista, Giancarlo Pianti, Lujcan Korngold, Victor Reif, Luís Saia trazem elementos que conduzem a novas leituras. Análises de obras paradigmáticas dessa produção como as do mestre Vilanova Artigas – Edifício Louveira, FAU/USP, Garagem de Barcos do Santapaula – revelam raízes ainda inexploradas. A recuperação de ações isoladas em outras regiões do estado, Bauru, Lindóia, Ribeirão Preto e São Carlos e a

exploração de temas mais amplos abrangendo o processo de modernização da capital paulistana como a verticalização e novas tipologias ampliam o leque de referências para o estudo da arquitetura moderna.

A pesquisa persistente de temas ou personagens consagrados – Reidy, Burle Marx, Oscar Niemeyer e sobretudo a cidade de Brasília – ainda permanecem como uma fonte, talvez inesgotável, de subsídios para a compreensão do movimento moderno. Cinco trabalhos apresentados exploram o tema sobre a capital: Brasília e o tombamento de uma idéia; Modernidade ultrajada; Brasília: superquadras residenciais; Brasília: da carta de Atenas à cidade dos muros e Tipologias arquitetônicas de estruturas espaciais em Brasília, neste último a cidade é um mero recorte geográfico, sendo o objeto de estudo as questões tecnológicas. Os três primeiros privilegiam os problemas relativos a sua preservação especialmente dos setores residenciais, sugerindo que o comprometimento de sua integridade resvala nesse setor, responsável desde a construção da capital pelas alterações feitas na proposta inicial tanto sob o ponto de vista teórico, como prático. O quarto analisa a sua conformação através dos vários tipos de assentamentos e seu desenvolvimento, permitindo aferir as várias propostas em relação ao plano vencedor do concurso. Acompanhar os rumos de uma das mais plenas realizações do movimento moderno é como trilhar a própria história, o que merece atenção constante.

Os trabalhos de Alagoas, Bahia, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul são fundamentais para a formatação de um quadro realmente representativo da produção moderna nacional, permitindo uma avaliação mais precisa e correta do processo de modernização da nossa arquitetura, revendo a posição por vezes equivocada da dualidade carioca e paulista como pólos de irradiação da modernidade.

A arquitetura paulista, um dos grandes focos de concentração de interesse das pesquisas apresentadas para este seminário, tomando por base a pré-seleção para a avaliação final, pode ter sido incentivada pela localização do evento em território paulista, no campus universitário da Universidade de São Paulo na cidade de São Carlos, mas indica também um certo desejo de recuperação das conquistas mais transcendentais da arquitetura do século XX. É um sintoma da crise porque passa a arquitetura na capital paulistana, onde presenciamos a destruição de parte significativa do nosso patrimônio e onde vemos proliferar a valorização de uma produção que renuncia aos caminhos já abertos pelos nossos profissionais que nos legaram importante acervo. Conquistas como a necessária qualidade do espaço interno, o exterior com seus efeitos de transparência, a expressão de leveza e do dinamismo do edifício, as possibilidades da planta livre, a manifestação da capacidade expressiva das estruturas aparentes e a tendência a resolver de maneira direta e simples os problemas não podem ser desconsideradas.

#### A Preservação da Arquitetura Moderna e a Cultura arquitetônica na Cidade de São Paulo

A cidade de São Paulo que teve uma participação importante na implantação, desenvolvimento e consolidação da arquitetura moderna parece hoje renegar seus feitos. A ousadia ao acolher as primeiras manifestações artísticas modernas, como as exposições dos pintores Anita Malfatti (1914) e Lasar Segall (1917), ao promover em 1922 a Semana de Arte Moderna, um manifesto que reuniu artistas de todas áreas e ao ter possibilitado a construção das primeiras residências segundo os princípios racionalistas, projetadas pelo arquiteto imigrante russo Gregori Warchavchik deu lugar ao conformismo. Outras manifestações foram surgindo, projetadas pelos arquitetos Rino Levi e Flávio de Carvalho, mas que permaneceriam isoladas ainda nas décadas seguintes. Alguns anos foram precisos para a arquitetura moderna se impregnar na cultura arquitetônica local. Sob influência do processo mais rápido e intenso que aconteceu no Rio de Janeiro, em meados da década de 40, na cidade de São Paulo se desenvolveu uma arquitetura moderna de características próprias, posteriormente identificada como Escola Paulista para se diferenciar da produção carioca.

O processo de transformação porque passou a capital paulistana na segunda metade do século XX propiciou intensa construção, não fosse a sua contínua mutação e a desvalorização pelos movimentos posteriores, São Paulo abrigaria um rico acervo de obras modernas. Uma reflexão, ainda que breve, sobre o estudo e preservação desse acervo face ao interesse dos trabalhos aqui expostos busca contribuir para a avaliação da arquitetura moderna paulistana.

Os primeiros inventários realizados sobre os bens arquitetônicos paulistanos vieram a público no final da década de 1970 e início de 1980: Arquitetura Moderna Paulista, primeiramente publicado em fascículos na revista A construção São Paulo entre 1978 e 1983, quando então foi lançado sob a forma de livro pela editora Pini, e Bens

culturais arquitetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo em 1984. O primeiro, de autoria dos arquitetos Alberto Xavier, Carlos Lemos e Eduardo Corona, teve como objetivo “arrolar obras significativas da arquitetura moderna paulistana, estabelecendo itinerários onde curiosos, turistas, estudantes e pesquisadores de arte pudessem localizar exemplares significativos de nossa produção.” (XAVIER, 1983, p.VII)

Trata-se de um esforço pioneiro de identificação e reconhecimento de obras da exemplaridade da arquitetura moderna paulistana, que ainda continua sendo a melhor referência malgrado tenha se passado 20 anos. Gerou publicações análogas para outras cidades brasileiras. O levantamento paulistano consta de 211 obras, abrangendo o período de 1927 a 1977, que poderia ter sugerido à coletânea o título de 50 anos ou meio século de arquitetura moderna paulistana. O recorte temporal foi determinado em função da primeira obra identificada como moderna e o ano de conclusão da pesquisa, sem qualquer menção por parte dos autores, inclusive na publicação feita seis anos mais tarde, da condição do movimento moderno naquele momento. A idéia que se tem é de plena continuidade. As obras são apresentadas em ordem cronológica independente da sua tipologia ou da sua localização na cidade, seguidas de uma listagem organizada por programas e por autores. São 18 programas e 149 autores que podem estar compartilhando diferentes projetos. O programa habitações individuais compreende 62 obras, liderando em número todos os outros programas; seguido dos edifícios comerciais (28) e das escolas (24). O arquiteto com maior presença é João Vilanova Artigas, como era de se esperar, com 20 projetos, seguido por Rino Levi (12) empatado com a sociedade Croce, Aflalo & Gasperini (12) e logo abaixo por Paulo Mendes da Rocha (10). O levantamento minucioso e abrangente proporcionou um quadro generoso da produção paulistana mais evidenciando a amplitude do movimento do que elegendo marcos simbólicos.

A primeira obra identificada como moderna é o edifício de apartamentos do arquiteto Júlio de Abreu dada a renovação que propõe sobretudo nos seus aspectos funcionais: áreas de serviço voltadas para a rua, dormitórios para um pátio ensolarado e dependências de empregados na cobertura. A fachada desprovida de elementos decorativos é resultante do rebatimento da planta, como prevista por Le Corbusier ao traçar os cinco pontos básicos da arquitetura racionalista. É o único projeto deste arquiteto que integra o levantamento apesar de ter se dedicado, no decorrer de sua carreira, a projetos industriais. A localização das dependências de empregados na cobertura, identificada como inédita para a época, merece uma ressalva de que tal comentário é válido no contexto brasileiro, pois na França, por exemplo, isso aconteceu no século XIX e não para unidades habitacionais de dois dormitórios. A grande ausência neste primeiro inventário é a casa que o arquiteto Gregori Warchavchik fez para ele mesmo na rua Santa Cruz no ano de 1927. Uma obra inaugural da estética racionalista no contexto brasileiro, porém vista por alguns críticos como falsa devido a sua execução por meio de técnicas tradicionais. Uma questão menor se considerarmos a sua importância frente ao processo que se desencadeou a partir dessa obra e as condições construtivas disponíveis naquele momento.

Se por um lado o disparado número de residências inventariadas indica que a classe média e alta foram as mais atingidas pelo movimento moderno na cidade de São Paulo, é necessário também esclarecer que as residências cumpriram um papel fundamental no campo da experimentação arquitetônica, especialmente para os arquitetos paulistas. Serviram como um laboratório, pois permitiram refletir, lidar com o lugar dos homens, com a complexidade de suas necessidades, com os materiais e a tecnologia, com a luz, com a economia, a ética e a política. A preservação dessas casas é, portanto, uma importante contribuição para a cultura arquitetônica. Infelizmente não há a mesma compreensão por parte da sociedade. Temos presenciado a destruição de muitas delas, que foram vendidas pelo preço do terreno, enquanto algumas conseguiram sobreviver por empenho de iniciativas particulares que as transformaram em fundações, tendo seu uso alterado: como a que a arquiteta Lina Bo Bardi fez para si, a do Oscar Americano projetada por Oswaldo Bratke e a do próprio Warchavchik, que apesar de ter sido tombada está entregue a sua própria sorte.

Bens culturais arquitetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo, publicado em 1984, quase concomitante ao anterior, é o resultado de um levantamento, “fruto do esforço conjunto do Governo do Estado e da Prefeitura do Município de São Paulo, no sentido de localizar, organizar e divulgar os bens culturais de reconhecido valor para a formação histórico-cultural, rural e urbana da Região Metropolitana de São Paulo.”(p.7) Entre as 250 obras arroladas como constitutivas do patrimônio cultural paulistano, apenas 16 são manifestações modernas (ver tabela adiante), o que caracteriza uma declarada valorização do atributo de antiguidade como requisito histórico. Dessas dezesseis, sete constam do levantamento da publicação anterior: Edifício Esther; Edifício-Sede do IAB; Edifício ABC; Edifício Itália; Edifício Copan; Masp e FAU/USP, todas com exceção desta última, concentradas na área central, sugerindo uma preocupação maior com a conformação da área central através de seus marcos arquitetônicos do que com valor intrínseco da obra arquitetônica.

Desse primeiro inventário, apenas alguns exemplares foram contemplados pelo tombamento. Entre a produção moderna identificamos pelo órgão estadual - Condephaat: 17 obras e pelo órgão municipal – Conpresp: 24 exemplares, que constituem um conjunto, ainda bem incompleto, porém representativo da produção moderna paulistana. O Condephaat contemplou algumas obras importantes na reconstituição da vida moderna, como as vilas operárias, desprezadas pelo inventário mais amplo de Arquitetura Moderna Paulistana, que priorizou os aspectos técnicos-formais. Exceção feita às residências, de Warchavchik e de Lina, a alguns edifícios, Esther, Copan, os bens tombados mantêm seus usos originais ainda que alguns em condições precárias de manutenção. O Condephaat publicou em 1998 o inventário de seus bens tombados e a prefeitura ainda não trouxe a público a relação dos seus bens tombados, sendo o seu banco de dados de acesso restrito, o que dificulta as pesquisas e a compreensão por parte de um público mais amplo da importância da preservação dos bens arquitetônicos.

Alguns pedidos de tombamento encaminhados por entidades representativas da sociedade civil, como associações amigos de bairros, que poderiam ser indicadores de uma maior conscientização frente ao patrimônio arquitetônico, na verdade servem como um instrumento que visa a inibição da transformação do uso de determinadas áreas sem qualquer preocupação com a arquitetura propriamente dita. Por exemplo, os bairros jardins incluindo o Pacaembu foram tombados por forte pressão de seus moradores que, ao mesmo tempo, demoliram e descaracterizaram obras primas da produção paulistana. Uma ação mais dirigida no sentido da valorização do patrimônio construído junto ao grande público poderia evitar essa depredação. O edifício do Masp, uma das poucas unanimidades em todos os levantamentos analisados, tem sido objeto de intervenções que têm causado muitas polêmicas entre estudiosos de arquitetura moderna e de patrimônio arquitetônico.

A ação do Docomomo no sentido de proporcionar a exposição de pesquisas, promovendo a troca de informações tem se mostrado um instrumento importantíssimo para cultura arquitetônica, sobretudo se considerarmos que o desenvolvimento da arquitetura brasileira não é resultado de um processo lógico de sentido evolutivo, mas de uma sucessão de acontecimentos desconexos, que nem sempre se somaram e algumas vezes se atropelaram, impedindo a formação de um ambiente propício para a maturação de um movimento consistente que projetasse resultados conseqüentes.

**Tabela de Cruzamento de Dados dos Levantamentos Utilizados para este trabalho:**

DPH- Informações obtidas no Banco de dados CIT6.6	Patrimônio Cultural Paulista: Condephaat, bens tombados 1968- 1998.	Bens Culturais Arquitetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo	Arquitetura moderna Paulistana (reprodução parcial do levantamento)	5º Seminário Docomomo Trabalhos com temas coincidentes
	Vila Economizadora			
	Bairros Jardins			
	Vila Maria Zélia			
	Bairro Pacaembu			
Casa modernista	X	X		
Res. r Bahia	X		X	
		Res. Tomé Souza		
	Ed. Saldanha Marinho			
Edifício Esther	X	X	X	
		Viaduto Chá		
		Cine Art Palácio		
Biblioteca Mário de Andrade			X	
Cine Ipiranga			X	
Sedes Sapientiae			X	
		Ed. Jaçatuba		
CBI – Esplanada			X	X
Ed. Louveira	X		X	X
Ed. OESP			X	
IAB		X	X	
Casa de Vidro	X		X	
		EEPG Prudente Moraes		
		Edifício ABC	X	
Copan		X	X	
	Parque Ibirapuera		X	
Igreja S. Domingos			X	
Ed. Lausanne			X	
Conjunto Nacional			X	
Ed. Itália		X	X	
MASP	X	X	X	X
	Teatro Oficina			
Conj. Metropolitano			X	
FAU/USP	X	X	X	X
Garagem de barcos Santapaula			X	X
		Ed. Renata S. Ferreira		
Clube Harmonia	X		X	
		Ed. Bradesco		
	Chácara Tangará			
		Hilton Hotel		
Estação Liberdade			X	
Praça da Sé			X	
	Memorial da A. Latina			

A base do quadro foi Arquitetura Moderna Paulistana, a partir de seu elenco de obras, procedeu-se a uma aferição nos outros inventários.

---

## Referências Bibliográficas

BENS CULTURAIS ARQUITETÔNICOS NO MUNICÍPIO E NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO. São Paulo: Emplasa/Sempla, 1984.

MONTANER, Josep Maria. La modernidad superada. Arquitectura, arte e pensamiento del siglo XX. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.

PATRIMÔNIO CULTURAL PAULISTA: CONDEPHAAT, BENS TOMBADOS 1968-1998. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. Arquitetura Moderna Paulistana. São Paulo: Pini, 1983.

## Dados Curriculares

Mônica Junqueira de Camargo é arquiteta, doutora em História da Arquitetura, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Trabalhou de 1979 a 2003 na Prefeitura Municipal de São Paulo, em pesquisas na área de Patrimônio Histórico e de arquitetura contemporânea. Foi professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie de 1987 a 2003. Publicou os seguintes trabalhos: *Fotografia / Cultura e fotografia paulistana no século XX. (1992)* co-autoria; *Fábio Penteadó – Ensaio de Arquitetura (1998) pesquisa e textos ; Joaquim Guedes (2000); The master architects V/ Botti Rubin Arquitetos: selected and current works – capítulo 45 anos de Arquitetura Paulista. Das Herz São Paulos ist heute ein Durchgangsort In Stadt Bauwelt, Berlim, 2002.* Foi curadora da Sala Especial Oswaldo Bratke na 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (1997) e da Sala Especial Fábio Penteadó na 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (1999). É membro do Comitê Científico do 5º Seminário Docomomo Brasil, 2003 e do Conselho Consultivo da 5ª Bienal Internacional de São Paulo (2003).